Ensaio fotográfico POR CAO GUIMARÃES

Na passagem do milênio, no início das filmagens de *O fim do sem fim* (sobre profissões em extinção), na região do Alto Jequitinhonha, em Minas Gerais, encontramos estes seres estranhos cuja profissão era assustar pássaros.

Pareciam congelados em um gesto – apontando algo no horizonte, um contrapé de dança, um tropeço, um grito. Pareciam congelados para a eternidade como as múmias, as montanhas e as pedras.

Apesar de estarem ali para assustar, provocavam em mim uma intimidade imediata, a arqueologia de uma ludicidade infantil derretendo as estalactites da minha alma envelhecida.

Sentei ali no meio deles em silêncio esperando que algo acontecesse. Longas horas se passaram e nada aparentemente aconteceu. Ao anoitecer fomos embora e o chacoalho do carro me embalou num sono profundo. Agora eles já dançavam em roda entoando uma canção antiga pontuada por gritos paleolíticos. A cada grito uma peça de roupa de seu fabuloso vestuário era lançada no meio da roda. A canção continuava infinita pelo meio da noite e sobre a terra fofa recém-arada apenas um monte de roupas e uma profusão de pegadas de pés pequenos onde alguns pássaros ciscavam aqui e ali.

Imagino que hoje, uma década depois, esta profissão quase não exista mais e não faço a menor ideia de onde foi parar esta pequena multidão de seres fascinantes que habitavam nossas lavouras. Talvez apenas migraram para um plano de realidade diferente e estejam assustando os pássaros famintos que hoje habitam nossos sonhos.